

ACERVO DIGITAL FUNDAJ

O dever dos monarchistas:

carta ao Almirante

Jaceguay

Fundação Joaquim Nabuco

www.fundaj.gov.br

JOAQUIM NABUCO

O DEVER DOS MONARCHISTAS

CARTA

Ao Almirante Jaceguay

—o—o—o—

RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 36

10372

1895

F

RJN
329.21
N117d

O DEVER DOS MONARCHISTAS

JOAQUIM NABUCO

O DEVER DOS MONARCHISTAS

CARTA

Ao Almirante Jaceguay



RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 39.

16372

1895

O
DEVER DOS MONARCHISTAS

CARTA

AO ALMIRANTE JACEGUAY¹

Em 1890, na *Resposta ás Mensagens do Recife e Nazareth* e na carta ao *Diario do Commercio*: — *Porque continuo monarchista*; em 1891, no *Agradecimento aos Pernambucanos* e na collaboração para o *Jornal do Brazil* intitulada *Illusões Republicanas*; em 1893, no discurso que pronunciei na Kermesse da Cruz Vermelha; em 1895, em *Balmaceda* e na *Intervenção Estrangeira durante a Revolta*, sem recordar a nossa campanha de 1888 e 1889, quando a escravidão respondeu ao acto de 13 de Maio desfaldando a bandeira da Republica, manifestei do melhor modo que me era possivel o meu pensamento sobre a adaptação da fórma republicana ao nosso

1. Em resposta á carta do mesmo almirante publicada no *Jornal do Commercio* de 15 de Setembro sob o titulo — *O Dever do Momento*.



paiz. Além daquelles fragmentos de opinião, ha dous annos que me occupo em reconstruir, sob o titulo — *Um Estadista do Imperio, J. Th. Nabuco de Araujo, Sua Vida, Suas Opiniões, Sua Epoca* (1813-1878), a individualidade de um dos vultos do antigo regimen com uma perspectiva do reinado de D. Pedro II, esboço que continuarei, se puder levar a effeito um plano talvez demasiado ambicioso, com a historia do Movimento Abolicionista (1879-1888), á qual pertence o fim da grande era brazileira.

Como vê, encerrei-me politicamente, ha já seis annos, em uma especie de archivo, a recolher em livros, em documentos, em retratos, em tradições quasi desconhecidas hoje, os traços da original, delicada e a alguns respeito ideal civilisação em que pôde florescer por tanto tempo a unica monarchia da America. E' no meio dessa poeira do passado que me vem encontrar sua apreciavel carta fallando-me do futuro da Republica. Tudo que eu posso dizer-lhe em resposta será apenas uma repetição daquellas folhas dispersas; não tenho nada que acrescentar aos sentimentos que tantas vezes expressei. E' certo que não ha razão em politica para mudar de argumentos, como não ha em geometria para procurar novas demonstrações de velhos theo-

remas. Ainda assim confesso que eu não quizera voltar neste momento á questão em que tão profundamente divergimos. Desde, porem, que sou obrigado a fazel-o, discutamol-a como naturalistas discutirião a transformação de uma especie, sustentando eu que a Republica entre nós será a reproducção viciada e esteril do typo nacional fixo, contra a sua opinião que ella pôde ser o aperfeiçoamento daquelle typo.

— « *Por um phenomeno, diz a sua carta, que não sei se algum dia se chegará a explicar scienti-ficamente, o sentimento dominante na raça mestiça americana é o da igualdade. Como conciliar com esse sentimento a affeição á monarchia que é o privilegio por excellencia?* » O facto é que essa affeição existio, e que era natural. A realza esforçou-se entre nós o mais que pôde por diminuir o sentimento da superioridade de raça. Eu poderia accumular a prova; basta, porém, o testemunho do velho Rebouças, a quem se pôde chamar o patriarcha da raça de côr. « A côrte Portugueza, disse elle na Camara na Sessão de 1843 quando pedia, são os seus termos, que a população mulata tivesse um representante no ministerio para a administração suprema ficar completamente nacionalisada, a côrte Portugueza distingua naturaes de Portugal de na-

turaes do Brazil ; a estes, porém, considerava-os indistinctamente, e os distinguia apenas quando por meio de seus sabios dictames, promulgados em leis, procurava, a favor dos homens de cor, combater e extinguir inteiramente toda essa prevenção contra o seu accidente, criada e posta em voga nos paizes coloniaes. Na causa sagrada da Independencia do Brazil tomámos todos parte, unidos sempre, e partilhado temos todos os perigos da patria, cooperando juntos para a sua salvação e com a mesma lealdade e interesse patriotico em todas as occasiões sem excepção alguma. Ainda os mulatos, meus senhores, têm de mais um interesse na guarda e defeza da monarchia constitucional representativa, que não é tão precisamente necessaria a outros cidadãos Brasileiros. Reccio muito sobre as intenções d'esses republicanos, sectarios das massas brutas...» (*Recordações da Vida Parlamentar* do advogado Antonio Pereira Rebouças, I, 524.)

Desde Henrique Dias até os batalhões negros do Paraguay, desde os africanos da Bahia que á chegada de D. João VI cantavam pensando que ia acabar o açoite depois da *Aze Maria* :

Dono da terra chegou
Cento e cincuenta acabou,

até ás massas resgatadas em 28 de Setembro e 13 de Maio, o sentimento dynastico da raça de côr foi inalteravel. Será exagerado imaginar que ella venha a mostrar no Brazil pela instituição que se sacrificou para resgatal-a a mesma fidelidade que os negros americanos conservam ha trinta annos ao partido de Lincoln?

Não sei; não vejo, entretanto a razão por que o sentimento de igualdade daquella raça, se é ella que tem de decidir da sorte do paiz, como seu argumento presume, se expandiria melhor sob a republica do que sob a monarchia. Nunca o sentimento de desigualdade das côres foi tão forte com em uma republica,—os Estados Unidos. Nas monarchias absolutas do Oriente esse sentimento não existe. E' só nos Estados Unidos que o negro, o mulato, seja um dos oradores mais eloquentes do seu tempo, um representante diplomatico do seu paiz, como era Frederico Douglass, não entrará em um hotel, em um theatro, em uma escola, em uma igreja frequentada por gente branca. Os negros e os seus descendentes, qualquer que seja a mistura de sangue branco, formam na grande Republica de que somos a parodia uma casta inferior, ainda mais repulsiva para o branco do que os pariás para os brámanes. Na Europa monar-

chica « vé-se o negro em toda parte, morando nos melhores hotéis, viajando em vagons de primeira classe, sentando-se como um igual nos bancos das grandes escolas de arte ou de sciencia... não se encontra um signal de preconceito contra elle, na imprensa ou *na litteratura da Europa.» (Rev. John Snyder, FORUM, Out. 1889.) Nos Estados-Unidos, porém seria acaso possível a um mulato, qualquer que fosse o seu genio, chegar á posição, á quasi realleza litteraria de um Alexandre Dumas em Pariz?

A sua prova de que o meio americano era contrario á monarchia, é que ella degenerou nelle. A côrte transplantada para o Brazil não foi a côrte de Versalhes, foi a de Lisboa, é preciso não esquecer. Os viajantes estrangeiros do seculo XVIII descreveram o que era essa côrte, já no tempo de D. José e de D. João V. O seu estylo, a sua etiqueta, a sua *tenue* toda era tal que não podia degenerar, pelo contrario só havia de lucrar, em um meio que fosse effectivamente republicano. A negligencia, o abandono, o desalinho do ceremonial monarchico é a prova de que a sociedade é ultra-monarchica. Muito mais extensa e profunda do que a degeneração republicana da monarchia no Brazil não é a degeneração monarchica da republica em toda a America do Sul? A verdade

é que em um meio onde não existe pressão social é impossível que a fôrma de governo conserve perfectos todos os seus característicos, seja ella a monarchia, seja, muito menos, a republica.

« D. Pedro II, no ultimo periodo de seu reinado, foi objecto de assombro de todo o mundo civilisado pela despreocupação com que emprehendia as suas longas viagens, unicamente para satisfação de seus gostos de turista. » Mas o que foram essas viagens? A primeira vez que o Imperador viu a Europa foi em 1871; tinha elle perto de cincoenta annos. De 1840 a 1871 pôde-se dizer que ficou sentado no throno sem se levantar uma só vez. Ao Brazil deu a sua mocidade, as forças da sua robustez, sua actividade phenomenal. Tinha servido trinta e um annos e já os cuidados da guerra do Paraguay o tinham brauqueado, quando se lembrou de pedir a primeira licença. E mesmo essa primeira viagem não foi feita sem uma intenção politica desinteressada. O Imperador queria dar á Princeza Imperial uma occasião de preparar-se para o throno, de ensaiar o seu papel de Imperatriz, ainda vivendo elle, de modo a não ter que começar um dia o seu tirocinio desajudada, entregue a si só. Ainda mais,

deixando á joven Regente o problema da escravatura para resolver, elle queria, a um tempo, ceder á filha, como apanagio do seu futuro reinado, a gloria da libertação dos escravos e mostrar ao mundo a qualidade do mechanismo constitucional que, na ausencia do seu fundador, realizava com a maior precisão e perfeição de movimentos uma reforma que era a economia de uma guerra civil, como a que atravessou em 1863 a grande Republica do Norte. A segunda viagem do Imperador foi em 1876. Ainda desta vez houve um motivo politico: a presença do unico monarcha da America nas festas Norte-Americanas do centenario da Independencia. Em 1887, elle partiu para a Europa, pôde-se dizer, sem vida; em 1889, partiu desterrado.

« A verdade é que a semente da monarchia trazida ao Brazil nas azas do cyclone da Revolução Franceza, do periodo napoleonico da conquista, germinou uma planta que só pôde medrar artificialmente emquanto teve para vivificá-la o estrume da escravidão.» E' exacto que a monarchia veiu para o Brazil nas azas do cyclone napoleonico, porque sem elle, apesar do fundo e da tradição monarchica do paiz, igual ao das antigas colonias da Inglaterra e

da Hespanha, a America Portugueza ter-se-hia constituído independente sob a fórma republicana como a Ingleza e a Hespanhola. Não ha duvida tambem que a monarchia só durou enquanto durou a escravidão. A presumpção historica, porém, é que se a monarchia tivesse encontrado a nossa sociedade já emancipada, teria deixado uma tradição ainda mais notavel. Com effeito, em toda a parte, « na Hellade de Polybio, como na Italia da época Ciceroniana e na Cathargo do tempo de Annibal » (Mommsen, *Historia Romana*); no reino de Judá (Ewald, *Antiquidades de Israel*), como na União Americana, a escravidão produziu sempre um governo cuja função principal era manter a supremacia do capital — escravo, do *Slave Power* como se chamou nos Estados Unidos. A honra da monarchia no Brazil pelo contrario, é ter neutralizado socialmente a escravidão. O que germinou desta não foi a monarchia, anterior a ella, superior a ella; foi, sim, a republica. Os propagandistas republicanos de 14 de Maio é que surgiram quasi de repente da « semente de dragão », do *Drachensaat*, a figura é de Mommsen, de que brotaram nos Estados Sulistas « os gigantes armados ». O que assignala o caracter de uma instituição é a semente de que procede;



não são os ramos e as folhas que apodrecem em redor della.

Sobre essa base, que eu tenho por falha, de que no Novo-Mundo o torrão ethnico, uma sua palavra insinua que até o climaterico, é improprio para a monarchia, assenta a outra these—que por isso ella nunca teve raizes no Brazil. Mais de uma vez tenho discutido esta questão das raizes da monarchia. Tenho por certo que a função benefica da monarchia no Brazil foi esta: Descobrimto, conquista, povoamento, christianisação, edificação, plantio, organisação, defesa do littoral, expulsão do estrangeiro, unificação e conservação do todo territorial; administração, estabilidade, ordem perfeita no Interior; Independencia, unidade politica, systema parlamentar, sentimento da liberdade, altivez do caracter brasileiro, inviolabilidade da imprensa, força das opposições, direito das minorias; tirocinio, aptidão, moralidade administrativa; vocação politica desinteressada; credito, reputação, prestigio exterior; brandura e suavidade de costumes publicos, igualdade civil das raças, extincção pacifica da escravidão; gloria militar, renuncia do direito de conquista, arbitramento internacional; cultura litteraria e scientifica a mais forte da Ame-

rica Latina ; por ultimo, — como o ideal realisado da democracia antiga, *o governo do melhor homem*, — um reinado Pericleiano de meio seculo.

« Qualquer que seja o novo destino que o tempo e a morte do Imperador possam trazer para o Brazil, escreveu em 1880 do Rio de Janeiro o correspondente especial do *Times*, nada apagará nunca a divida que este povo tem para com o seu soberano e a sua Constituição pelo meio seculo de ordem e tranquillidade de que gosou no meio da confusão dos paizes visinhos, onde entre a vontade do povo e o genio fatal dos seus conselheiros demagogicos não existia um poder superior. Quando mesmo a monarchia não tivesse nada feito pelo Brazil seuño salv-o das tormentas, dos conflictos, e dos morticínios selvagens que em tantas Republicas sul-americanas assignalaram a eleição periodica do Presidente, ainda assim a obrigação deste paiz para com a lei de successão estabelecida em favor da dynastia reinante, fica além de todo calculo.»

Pretender que uma instituição que teve todo esse papel em nossa historia não tinha raizes no paiz é pretender que o creador não tem raizes na creatura. Em certo sentido

póde-se dizer que nada tem raizes entre nós, no sentido que tudo póde ser derribado sem resistencia. Já uma vez, no *Jornal do Brazil*, citei estes mesmos exemplos. Ninguem negará que o Brazil seja uma nação catholica. Está ahí aos olhos de todos pelo vasto interior a massa incalculavel de fé ainda primitiva e intacta, posto que adormecida e aparentemente extincta, e no entanto não puderam alguns raros Positivistas apagar da frente do Brazil o signal do baptismo, a legenda de Terra da Santa Cruz; banir dos quartéis, dos hospitaes, dos navios de guerra, dos tribunaes, das escolas, tudo que pudesse fallar de Deus e imprimir-lhe na bandeira o distico sacerdotal da religião do Atheismo! Assim como a religião, na extrema opposta, o dinheiro. Não se vio a massa das fortunas do paiz reduzidas á metade, á terça parte do seu valor por emissões não autorisadas, doações francamente gratuitas, verdadeira distribuição forçada da fortuna dos que tinham com os que não tinham, sem que o capitalista, grande ou pequeno, o credor cujos credits eram depreciados em favor do devedor, o consumidor cuja vida encarecia em proveito dos productores, pensassem em articular um protesto! Posso acrescentar um terceiro exemplo. A propria

escravidão que raizes tinha? Não a vimos cabir quasi sem defesa e, no entanto, não dispunha ella da totalidade do capital, não era senhora da produção toda do paiz? Não são as instituições que não têm raizes: é o sólo que não tem consistencia e cujas areias o menor vento revolve.

Em taes condições imaginar que só a Republica tem raizes, ou que ella as lançou em uma camada mais profunda do que a monarchia, do que a religião, do que a familia, do que a propriedade, parece a inversão de toda a sciencia social. É preciso não esquecer o modo como ella se fundou. O general Deodoro não foi senão um segundo Caramurú. Assim como Diogo Alvares se fez quasi adorar pelos indigenas disparando uma espingarda, elle fez acclamar a Republica no Campo de Sant'Anna dando uma salva de vinte e um tiros. O povo de 15 de Novembro, que não conhecia a linguagem politica da artilharia, é o mesmo gentio do Descobrimento que não conhecia a detonação da polvora.

Vejamos, porém, a sociedade. Do que soffremos nós principalmente? Não é observação sua que soffremos de um illimitado individualismo, que se torna em verdadeira irresponsabilidade,

porque é acompanhado da falta de toda e qualquer reacção social? Não é exacto que o individuo não se sente sollicitado, constrangido, dominado pela sociedade em nenhuma das suas vontades; que é tão absoluto senhor das suas acções, da sua vida, como se vivesse no deserto? Não é certo que cada um póde fazer o que quer, viver como entende, sem se preoccupar da opinião que o rodeia? E não quererá isso dizer que não existe fiscalisação, pressão, governo da sociedade sobre o individuo?

Além desse traço, ha outro igualmente importante. Nós somos a unica sociedade existente no mundo a que se possa dar o nome de *neocracia*, em todos os sentidos: não só no de sermos governados de preferencia pelas novas idéas, mas especialmente no de sermos governados pelas novas gerações, em opposição ao governo dos mais antigos que se encontra no começo de todas as civilisações quasi. Já antes dos quarenta annos, o Brasileiro começa a inclinar a sua opinião diante das dos jovens de quinze a vinte e cinco. A abdicção dos pais nos filhos, da idade madura na adolescencia, é um phenomeno exclusivamente nosso. Imagine-se a França entregue inteiramente como grande potencia européa á direcção do Quartier Latin. Em

menor escala, esse é o nosso caso. O resultado é uma prematuridade abortiva em todo o campo da intelligencia, pelo que o talento nacional, que é incontestavel, prompto, brilhante e imaginoso, está condemnado a produzir obras sem fundo, e, portanto, tambem sem fórma, porque o bello na litteratura, como nas artes, não é outra cousa senão a força. Será difficil a um estudante nosso de merito servir-se a primeira vez do microscopio sem logo descobrir um novo organismo que os sabios estejam procurando em vão, ha annos, nos diversos laboratorios da Europa. A pressa é uma incapacidade para a sciencia, como para a arte. O Imperador teve uma correspondencia com Renan e outras autoridades em linguas semiticas sobre uma inscripção phenicia que se dizia ter sido descoberta na Parahyba e que um curioso Brasileiro, homem de sciencia, que a traduzira, pretendia ser authentica. Qualquer joven official que mandemos aos estaleiros da Europa sente-se com a capacidade de resolver uma duvida entre dous grandes architectos navaes. Tudo isso revela de certo uma qualidade—a iniciativa, que, corrigida e completada pela reflexão, é a primeira das qualidades do espirito, mas que movida pela imaginação sómente é quasi infantil. Os proprios Positivistas,



que se definem como os reorganizadores da coherencia espiritual em nosso paiz, são outro exemplo da irrepressibilidade nacional. Antes de deporem o Imperador do governo do Brazil, não depuzeram elles o sr. Laffitte da successão de Augusto Comte? Isto quer dizer que em um dos menores circulos da humanidade, como é o Contismo, entrou com os Brasileiros o espirito de indisciplina e logo se deu um schisma. Eu receio muito o dia em que tivermos um cardeal nosso. O representante no Sacro Collegio da nossa impulsiva mentalidade, se o Conclave não ceder ás suas vistas superiores, ameaçará vir para a imprensa contar as irregularidades da apuração das cédulas, perturbando a eleição que ha dous mil annos se faz tranquillamente do successor de S. Pedro. Se por acaso um nosso patricio recebesse um dia a tiara, então, sem blasphemia, nem o Espirito Santo conseguiria contê-lo na reforma geral da Igreja. Certamente com papas brasileiros a infallibilidade não teria levado tantos seculos para ser proclamada dogma.

Nenhum terreno pôde ser mais proprio do que esse para a cultura da anarchia. Não se vio o fundador da Republica, que foi toda a vida um professor distincto, jubilar o dr. Jus-

tino de Andrade, honra das antigas Faculdades de Direito, declarando por aviso que o fazia « *por ter elle perdido o prestigio e a força moral aos olhos dos proprios alumnos?* » Não é doutrina corrente, official, positivista, que se alguma cousa pudesse augmentar a gloria de Benjamin Constant e a de Floriano Peixoto em 15 de Novembro, seria o ter o primeiro esquecido a afeição e o reconhecimento que votava ao Imperador e o segundo a lealdade que lhe devia em um posto de confiança? Essa doutrina, que será talvez a estoica, essa preferencia de gloria em favor dos mais profundamente obrigados para com aquelles a quem têm de ferir, germinando ao acaso em toda a especie de terreno, que especie de aberrações não está destinada a produzir? Não faço nenhuma critica, não examino nenhuma dessas illustrações que tomei e que poderia multiplicar, dou apenas o traço da época que atravessamos.

Pelo que se passa na alta esphera da intelligencia, na cupola social, pode-se estimar a agitação que reina na base, onde está a imitação. O seu argumento é que uma sociedade assim repelle naturalmente a monarchia; a minha idéa é justamente a opposta: que esta sociedade precisa, pede, exige a monarchia

como seu remedio natural, sómente não tem a força precisa para produzi-la. Em uma sociedade como a nossa todos os elementos de selecção deveriam ser cuidadosamente conservados. Não creio a este ponto no *similia similibus* que pretenda tratar phenomenos, como Taine os qualificou, de *anarchia espontanea*, estabelecendo na sociedade uma causa permanente de anarchia.

Não pretendo, note bem, que a monarchia pudesse nunca ser entre nós um governo perfeito: todo governo é a imagem da sociedade, sabe-se bem; o que penso, é que das duas fórmas a que nos póde dar uma machina mais economica, menos facil de desconcertar, capaz de vencer a grande rampa que temos por muito tempo de subir, é a monarchia. O eixo monarchico parece-me um eixo muito mais solido e elastico para as duas rodas do progresso, a ordem e a liberdade, do que o eixo militar que pozeram no lugar delle e que não vejo como possa ser substituido pelo eixo eleitoral norte-americano, porque todos nós sabemos de que fraco material este ultimo seria fabricado entre nós.

A differença para mim entre a monarchia e a republica no Brazil é a que se vê entre a

velha sociedade commercial e as novas companhias anonymas. Naquelle, os socios respondem com tudo que possuem, na hypothese monarchica o gerente entrava com o throno; fazem sómente as operações que o seu capital e o seu credito permittem; têm interesse, até mesmo de honra, na prosperidade da sua firma; precisam cultivar boas relações, lealdade e confiança um com o outro, e no caso de mãos negocios estão sujeitos á escriptulosa lei da fallencia. A sociedade por acções é capaz de realizar obras gigantescas para as quaes não bastaria o capital de poucos; a responsabilidade é limitada; de facto, porém, a administração é irresponsavel e o associado não passa de um contribuinte anonymo. Na fórma republicana, como a podemos ter, o Estado, o Governo, figura-se-me uma dessas companhias em que os accionistas, depois que o grosso das entradas foi consumido pelos incorporadores, vêm os restos do seu capital administrados para o unico fim de pagar a directoria e prolongar a existencia de uma sociedade em que elles deixaram de ter interesse.

E' certo que a dissolução do nosso systema politico-administrativo data da monarchia, mas é tambem um facto que a dynastia não

concorreu para ella. A melhor prova é que o effeito da retirada do Imperador, mesmo dentro do antigo meio politico, foi como se tivesse cessado de repente em um possível foco de infecção a acção continua de um poderoso anti-septico. Até o fim a dynastia manteve impolluta a sua abnegação, a sua honestidade, o seu espirito patriotico. A historia de cincoenta annos ahí está para mostrar que nos limites em que supersticiosamente se encerrou — *sa honra do meu reinado*, escreveu elle uma vez, *não pôde ser senão o desejo de cumprir a Constituição que jurei*, — o Imperador foi sempre em despacho e na correspondencia com os ministros o representante do interesse e do desinteresse nacional. Foi verdadeiramente o seu *liberum veto* que deu á politica entre nós o elevado character que ella teve por tanto tempo.

Para o fim a instituição estava caçada, e a razão aconselhava que a dynastia e a força armada se entendessem, se unissem, reciprocamente se apoiassem, animadas como eram do mesmo espirito de abnegação e patriotismo. Em vez disto, infelizmente, o exercito preferio destruir a sua alliada natural e começar a sua propria evolução politica, perigosa sempre para instituições militares. No mesmo dia per-

demos assim as duas forças em que podiamos esperar, aquellas cuja união offerencia o melhor ponto de apoio á sociedade para resistir ás iniciativas, como ás inercias, que a dissolvem.

Eis como eu colloco a questão da monarchia e da republica em nosso paiz. Admitto que tenha passado a época do Terror e a época do Directorio ; que estejamos a immensa distancia da Bastilha do Catumby e da intervenção estrangeira em nossas guerras civis ; que tenhamos entrado no regimen normal do paiz, assim como o Mexico e a Republica Argentina ; admitto todas as condições favoraveis. Ainda assim a Republica e a sociedade modificada por ella serão sempre um typo de governo e de sociedade inferior, comparado á monarchia que tinhamos : muito menos satisfactorio para o amor proprio nacional, menos expressivo de tudo que a nossa nacionalidade tem de nobre, de generoso, de elevado.

Nesse ponto deixe-me repetir o que já disse uma vez, porque eu não poderia expressar o meu pensamento com maior clareza. « Se eu tivesse por ambição na vida ser cidadão de uma republica, ha muito me teria naturalizado suíço ou norte-americano. A minha

ambição, porém, é ver a liberdade desenvolvida e aperfeiçoada no meu proprio paiz o mais que nos fôr possível, e para isto não posso pensar na republica. A republica nos paizes latinos da America é um governo no qual é essencial desistir da liberdade para obter a ordem». E nessa mesma ordem de idéas no discurso da Kermesse: «O que é que o estrangeiro deseja para os paizes da America Latina? Muito pouco, a saber, que o homem forte que uma vez ahí surgio não desapareça mais. E' assim que o Mexico inspira maior confiança do que as outras republicas, por causa de Porfirio Diaz. Esse homem nem sempre apparece; a sociedade debilitada não os póde ás vezes produzir, mas onde elle se mostra forma-se uma dictadura espontanea em seu favor, provocada de fóra pelo credito e de dentro pela tranquillidade publica... A ordem, porém, que o torrão brasileiro deve querer produzir não póde ser a planta que cresce esteril na America Latina e sim a que na America Saxonía dá a liberdade como fructo... Para mim haveria muito pouco interesse em cultivar a ordem que não pudesse dar a liberdade, senão como seu fructo, ao menos como sua flor.»

Póde crer-me : não tenho resentimento pessoal da Republica ; não sou em sentido algum um despeitado ; em politica fui um amator e não um professional, de modo que o 15 de Novembro nem me interrompeu a carreira ; na ultima eleição fui eleito *in absentia*, signal de que já desejava afastar-me de um scenario onde depois da abolição me sentia fóra dos partidos. Conservo o mesmo reconhecimento pelas liberalidades que recebi ; acredito que até hoje nenhum homem publico, só exceptuo o Imperador, teve direito de queixar-se do nosso paiz, porque todos receberam mais do que a sua conta. Faço votos para que a Republica não seja esteril de estadistas, nem destruidora de principios de administração ; que mostre a mesma coragem do Chile que converteu o seu papel depreciado e fez vir da Europa officiaes para montarem o seu apparelho militar pela norma dos exercitos modernos, o que não se póde copiar de livros nem aprender em viagens. Não sou dos que dizem : « *Quanto peor, melhor* », mesmo porque do extremo mal não creio que nascesse a reacção e sim maior incapacidade para tental-a, maior desanimo ainda. Tudo que fôr destruir, diminuir a accumulção material e moral die-

xada pela monarchia é favorecer a Republica ; o Brazil quanto mais civilisado mais tenderá para a monarchia ; quanto mais barbaro, mais se desinteressará della.

Observe, por isso, imparcialmente a marcha das instituições, e o menos que lhe posso dizer é que o seu modo de consideral-as parece-me demasiado optimista. Antes de tudo. Nenhuma das grandes correntes que se juntaram para abrir o leito da Republica nasceu de um sentimento tão elevado, nem tão generoso, como as que nos deram a monarchia. Quer se olhe para o Escravagismo, quer para o Militarismo, quer para o Positivismo, quer para o Jacobinismo, quer para o Panyankeeismo, e ali estão os principaes elementos da synthese de 15 de Novembro,—a aspiração republicana pura, extreme de qualquer daquellas bases, fórma uma quantidade inconsideravel para o calculo, — não ha um só delles que pareça liberal, progressivo, largo de vistas. Depois. Temos seis annos de Republica ; tinhamos uma tradição de humanidade a mais bella da America : de abolição sem guerra civil, de guerras exteriores sem conquista, de revoluções sem vinganças, e hoje ? Onde está Lorena ? Onde estão os filhos de Trajano de Carvalho ? Onde está o

marechal Batovy? Onde está o Barão de Serro-Azul, com os seus companheiros de vagon? Onde está Saldanha da Gama?

A Republica tem grandes problemas *preliminares* que resolver e que são incognitas uns dos outros. Tem o problema financeiro, o problema federal, o problema militar. Tornar a Republica solvavel; tornar a Republica articulada; tornar a Republica civil, não é pequena tarefa.

Que a Republica ha de ser unitaria ou ha de haver muitas republicas, não é para mim duvidoso. A vida das republicas latinas da America tem sido uma lucta continua entre o unitarismo e o federalismo e em toda a parte este foi esmagado pelo poder central. Nós não podemos fazer excepção a esta regra. A federação era possivel com a monarchia, como é na Inglaterra, na Allemanha, na Suecia-Noruega, na Austria-Hungria,—nem a monarchia moderna foi outra cousa em longos seculos senão a fórmula da federação,—e era possivel porque o chefe do Estado não tinha interesse, como têm os Presidentes na Republica, em annullar a autonomia dos Estados em favor da eleição do seu successor e da permanencia do seu partido. Se os nossos Estados ficarem de facto autono

mos por se poderem rebelar contra o poder central, como as antigas provincias do Prata, teremos uma desigualdade de civilisação muito grande entre elles, como já actualmente entre Minas Geraes e Santa Catharina ou o Rio Grande. A federação sem uniformidade de direitos e de liberdade é praticamente um começo de separação, e separação pela barbaria. Com o tempo, o desejo de todos os Estados, que de satrapias militares, que foram e continuam a ser, passarão a ser capitánias de donatarios politicos, será serem governados de longe por quem não tenha grupo, familia, interesse nelles e se sinta responsavel perante um círculo mais largo e mais independente de opinião.

Tambem não é impossível que o tempo lentamente resolva o problema militar, e que os partidos civis, apoiando-se nos governadores que dispõem de pequenos exercitos, maiores do que as guarnições, consigam, depois de mais uma ou duas eleições como a ultima, reduzir o elemento militar á nullidade politica. Neste caso, com a força publica inteiramente obediente, os Presidentes farão eleger á sua vontade os seus successores e o Congresso, e acabarão confiscando as milicias dos Estados, unicas que lhes poderiam fazer sombra. A Republica, porém,

precisa do militarismo, como o corpo humano precisa de calor ; a questão é tel-o no gráo physiologico, nem de mais nem de menos. Ter o exercito como força politica activa, é tel-o demais ; tirar ao exercito todo caracter politico, é tel-o de menos ; a temperatur a exacta seria tel-o como força politica de reserva, o que na pratica é uma especie de quadratura do circulo.

Muito mais difficil, entretanto, é ainda a solução do problema financeiro, evitar a bancarrota, porque para esta trabalham as mesmas causas de indolencia, inercia, indifferentismo, e incapacidade de manter por muito tempo uma attitude uniforme, que podem talvez concorrer para a resolução dos outros dous no sentido do governo civil e do governo unitario.

Em frente de tal perspectiva é muito fragil a confiança que a sua carta me quer inspirar, quando espera que o governo do Dr. Prudente de Moraes « dissipará as minhas apprehensões sobre a capacidade dos Brasileiros para a Republica ». As provas das instituições precisam ser longas. Creio que foi Gustavo Planche quem disse que o tempo não respeita o que se faz sem elle. Não ha em uma Presidencia tempo para uma experiencia social como a da Republica.

A sua previsão é generica, ampla, a saber



que a monarchia ficou atraz no passado e que a humanidade entrou em nova phase. A monarchia e a republica em que differem aos olhos da anarchia? Eu não creio que a religião tenha já fechado o seu cyclo, e, pelo menos em quanto elle durar, a phase monarchica da civilisação estará tambem longe do seu fim. Não existe, acredite, uma civilisação americana destinada a substituir a européa. O que temos não passa de uma especie de proteccionismo politico, sem genio inventivo, sem habilidade de execução, de mão d'obra inferior, sem o talento sequer do plagio, e cujos productos, como os da industria protegida, não passam de grosseiras falsificações dos modelos copiados. O proteccionismo em politica, sciencia, litteratura, arte, religião, qualquer que seja a sua pretensão na industria, é uma barreira apenas de ignorancia. Eu não tenho essa visão do futuro. Não chego a dizer como o dr. Döllinger que os reis serão os ultimos no mundo, *reges erunt in orbe ultimi*, mas se nós vivéssemos até depois do Diluvio Universal do collectivismo e da anarchia, é provavel que vissemos ainda um dia a America toda monarchica. Que forma de monarchia, não inquirio.

E' preciso não esquecer que tanto a America Ingleza como a Hespanhola só adoptaram a

fôrma republicana por lhes faltar a materia prima da monarchia, o elemento dynastico. Monarchista era o grande Hamilton, « *considerado com justiça o fundador da nação Americana* » (Goldwin Smith, *American Statesmen*); monarchista era Rivadavia, « *o unico governante, depois de Washington, que marcou na America o mais alto nivel do homem de governo de um povo livre* » (Mitre, *San Martin*, 2.^a ed. I, 104); monarchista era Belgrano, San-Martin, o proprio Bolivar; era o grupo mexicano do «plano de Iguala» com Iturbide á frente. Desgosta-o o meu pessimismo a respeito da America do Sul. Que impressão, porém, não lhe causarão estas dolorosas palavras cahidas de uma penna tão prevenida a favor da democracia como era a de Tocqueville: « Quando penso na alternativa de miseria e de crime em que vivem aquelles paizes sou forçado a pensar que para elles o despotismo seria um beneficio »?

Não discutirei a questão — se a volta da monarchia é possível ou impossível. A impossibilidade da Restauração não poderia obrigar-me em consciencia, pensando como penso, a subordinar o meu modo de sentir ao do maior numero. Sei que é tão difficil a restauração da monarchia como é difficil a restauração da re-

ligião, da familia, da sociedade. Em politica, porém, nada é mais raro do que a faculdade de discernir o que está morto do que está apenas interrompido. Quem sabe por que mysteriosa renovação não pôde estar passando debaixo da terra brazileira a planta que tanto tempo lhe deu sombra? Na sua carta mesmo ha como que receios de que a resurreição seja possível. Não dá ella como um dos impedimentos para a volta da monarchia o veto norte-americano? E não é isto identificar as duas idéas de monarchia e Independencia? Não está tambem o seu espirito cheio de previsões sinistras pelo lado da federação? Não é isto identificar a monarchia com a idéa de unidade nacional?

O dever, porém, dos monarchistas sinceros, quando mesmo a monarchia estivesse morta, seria morrer politicamente com ella. Não creia que a adhesão de mais alguns homens da monarchia pudesse servir de freio no plano inclinado ao trem que já adquirio tamanha velocidade. Que influencia real têm tido na direcção da Republica os monarchistas que se passaram? Nenhuma, pôde-se dizer. A influencia que os que restam podem exercer é outra, é toda moral: é guardarem fidelidade aos seus principios e ao seu passado; é mostrarem tolerancia e be-

nevolencia, coherencia e desinteresse; é não aceitar a responsabilidade de erros e de crimes. Quando o convidaram durante o Imperio a subir outra vez ao pulpito de Notre-Dame, Lacordaire recusou. « Eu comprehendi, disse elle depois, que em meu pensamento, em minha linguagem, em meu passado, eu tambem era uma liberdade e que não me restava senão desaparecer com as outras ».

Respondi-lhe, meu caro amigo, como estou certo que o segundo José Bonifacio lhe responderia. Tenho nos ouvidos desde 1868 em São Paulo as ardentes estrophes do *Primus inter pares*. Cada individualidade que se illustrou na historia de um paiz fica limitada aos olhos de todos por um traço de imaginação que, como o rego primitivo das cidades antigas, lhe é quasi vedado atravessar sem sacrilegio. Em torno da sua ha o fosso glorioso de Humaytá, ha a grande tradição da marinha brazileira. O rosto donde ella ha de sempre fallar ao pensamento, ao enthusiasmo, ao patriotismo, é a prôa do *Barroso*. Por isso eu não precisava outro argumento para oppôr a todos os seus senão este: Arthur Silveira da Motta. — *Ad innum*

JOAQUIM NABUCCO.

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1895.